



Núcleo de Dramaturgia

A nova geração
de autores

2014

O Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural foi lançado em abril de 2014, com o objetivo de descobrir e desenvolver novos autores no Rio de Janeiro. Por meio de inscrições, 20 textos foram selecionados e os candidatos tiveram a oportunidade de trocar experiências com Carla Faour e Henrique Tavares, dois dramaturgos renomados no cenário carioca. Durante um ano, o projeto ofereceu aulas práticas, além de promover encontros abertos ao público para debates sobre a dramaturgia no Brasil.

O lançamento contou com a consagrada crítica teatral Barbara Heliodora (1923–2015). O Núcleo também recebeu a atriz Claudia Raia, que abordou o gênero musical, e o ator Marcos Caruso, que falou sobre a importância de projetos que incentivam o surgimento de novos dramaturgos para o teatro. Após um mergulho no universo das artes cênicas, sete participantes foram escolhidos para a segunda etapa, que consistiu em dar uma linguagem teatral aos textos iniciais.

O projeto também trouxe de São Paulo o 1º Congresso Brasileiro de Dramaturgia, que aconteceu em dezembro de 2014, com o objetivo de reunir estudantes, profissionais e interessados em teatro, cinema e televisão, para discutir os rumos da dramaturgia. O evento contou com quatro mesas-redondas e a participação de nomes como Aderbal Freire-Filho, Aimar Labaki, Jô Bilac, Marici Salomão e Lauro Cesar Muniz.

Em janeiro e fevereiro de 2015, aconteceram leituras dramatizadas no Teatro SESI Centro e três obras foram selecionadas por uma banca formada por Carla Faour e Henrique Tavares, além de Marcia Zanelatto, Inez Viana e Colmar Diniz, nomes importantes da dramaturgia brasileira. Nesta publicação estão os textos vencedores e o resultado desse belo trabalho realizado ao longo do ano: *Os atrasados*, de Leandro Bellini, *Amores Flácidos*, de Herton Gustavo, e *Vende-se uma geladeira azul*, de Rafael Cal, escolhido para ser montado e encenado pelo SESI em sua rede de teatros.

Na primeira edição do projeto ficou clara a necessidade de um olhar mais atento sobre a dramaturgia, de espaços para discutir o tema e de mais oportunidades para os novos talentos. Por isso, o Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural entende que contribui para o desenvolvimento das artes cênicas e o surgimento de autores no Rio.

Boa leitura.

Gerência de Cultura e Arte
Sistema FIRJAN



Herton Gustavo

Autor do texto *Amores Flácidos*: Herton Gustavo é ator, dramaturgo e poeta. Formado em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Unirondon e em Teatro pela Escola Técnica Martins Pena, tem em seu currículo três peças de teatro escritas. Recentemente venceu o prêmio de poesia organizado pela Autores S/A e publicará, também em 2015, o livro de poemas *Tango no abismo*, pela Editora Patuá, de São Paulo. Atualmente, assina ainda a dramaturgia da Oficina de Atores da Fundação Cesgranrio.



Amores Flácidos

PERSONAGENS

- Aroldo
- Eunice
- Advogado de defesa
- Advogado de acusação
- Representante do Ministério Público
- Juíza
- Doutora Sidney
- Garçom 1
- Garçom 2
- Garçom 3
- Cosme
- Moça gorda
- Moça magra
- Policial

PRÓLOGO

Foco de luz nos dentes de Aroldo, que fala devagar. A luz vai abrindo e revela um homem bonito, mas muito magro e abatido, de mais ou menos 35 anos.

AROLDO *(Em tom formal, próprio de um especialista traduzindo o jargão da sua área para leigos).*

Basicamente, o sorvete é preparado a partir da mistura de água, gordura, açúcar, proteínas, estabilizantes e emulsificantes. Se esse sorvete tem zero por cento de gordura e não possui adição de açúcar, do que ele é feito então? De água e proteína?

A gordura é que dá ao sorvete a consistência cremosa, a textura macia e também influencia no sabor. Então, basicamente, sem gordura não dá pra fazer um sorvete de verdade. Sem gordura nada tem graça. Nada. Mas com essa mania que inventaram de todo mundo querer ficar magro e com esse calor da porra o ano todo, não teve jeito: algum filho da puta teve que inventar um substituto pra gordura, como o soro do leite, por exemplo. No caso do açúcar, que também tem muitas calorias, aconteceu a mesma coisa: foi substituído por edulcorantes sorbitol, ciclamato de cálcio e sucralose. A única coisa que eu fiz de diferente na minha receita foi acrescentar o veneno. De rato.

(Uma projeção anuncia o título da peça: Amores Flácidos.)



CAPÍTULO I

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Aroldo, na qualidade de réu, está sentado no centro do palco, de frente para a Juíza: uma mulher magra, de mais ou menos 55 anos. Ao seu redor estão o advogado de defesa, um homem gordo, com cerca de 45 anos; o advogado de acusação, um homem gordo, de mais ou menos 40 anos; e o representante do Ministério Público, um homem também gordo, de mais ou menos 60 anos. Todos, com exceção de Aroldo, lambuzam-se tomando sorvete de beterraba light.

JUIZA

Ordem no Tribunal! Ordem! Com a palavra, o advogado de acusação.

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO

Aroldo Machado, todas as suas vítimas eram gordas e foram envenenadas com sorvete de beterraba *light*. Por que tanto ódio das gordas? Qual o motivo dessa fixação?

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto! Meritíssima Senhora Juíza, a acusação está tentando confundir o réu.

JUIZA

Protesto aceito. Prossiga sem subjetividades.

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO

Meritíssima Senhora Juíza, Digno Advogado de Defesa, Ilustre Representante do Ministério Público, o libelo crime acusatório decorre com exatidão dos fatos constantes dos autos provados sem a menor sombra de dúvida. Esse homem demonstrou completa frieza e falta de caráter ao matar estupidamente 12 mulheres gordas. Por pura maldade. Pelo simples gozo de matar. A autoria do crime está provada.

Doze mulheres gordas. Vítimas de sua vileza, torpeza e covardia. E o que o réu tem a argumentar em sua defesa? Nada. Absolutamente nada. Por isso, Meritíssima Senhora Juíza, impõe-se a aplicação da pena máxima para o crime de homicídio doloso. E falo aqui não apenas em nome de 12 mulheres que foram covardemente envenenadas no Calçadão de Copacabana. Vítimas desse homem calculista e frio, feito um sorvete, com o perdão do trocadilho, que em um ritual repleto de maldade, escolheu uma vítima em cada mês do ano, o que só reafirma que não apenas tinha a intenção de matar, como planejou tudo com requintes de crueldade. Venho aqui fazer um apelo por justiça. Justiça que nada mais é do que a necessidade de garantir a defesa da sociedade que aqui representamos. O réu responde por todas as suas faculdades mentais. Matou por prazer. Matou porque quis. Ele seguramente ignora o que seja o afeto, o amor, como ignora qualquer princípio de caráter. Aplicar uma pena mínima ou ainda deixá-lo em liberdade é ter a certeza de que ele continuará envenenando mulheres gordas e destruindo outras famílias.

JUIZA

Com a palavra o advogado de defesa.

ADVOGADO DE DEFESA

Meritíssima Senhora Juíza, Digno Representante do Ministério Público, Ilustre Advogado de Acusação. Não se julga aqui as consequências do gesto infeliz do réu. É preciso examinar bem os fatos, as origens e como ele foi executado. O réu é acusado de premeditar os crimes pelos quais é acusado. Não! Absolutamente não! Porque é notório que Aroldo Machado não responde e nem respondia por suas faculdades mentais quando subitamente e involuntariamente cometeu os delitos que cometeu. Meritíssima, essa é a verdade. Simples e pura que emerge dos autos: Aroldo Machado não é um criminoso perverso, cruel e sem sentimentos como foi pintado aqui com matizes de cores quentes para comover os senhores. Nós lamentamos a sorte de todas as vítimas, assim como lamentamos a sorte desse homem infeliz cuja saúde mental fragilizada o deixa instável, confuso e demasiadamente perturbado. Mas é necessário salientar que o ato tresloucado do réu foi



fruto, antes de mais nada, de um desespero particular em encontro a uma preocupação com o coletivo. Veja bem: eu disse coletivo. Cansado de ser cúmplice indireto da crueldade imposta por essa ditadura da magreza, que insiste em subverter a ordem natural das coisas e transformar gordas felizes em seres delgados e sem alegria nenhuma, mas assim pertencentes a um padrão esquizofrênico e agressivo de beleza, Aroldo, não respondendo por sua sanidade mental e guiado pelo impulso e pelo desejo pulsante de não mais concordar com esse tipo de agressão, lutou o quanto pôde para que a ordem das coisas não fosse alterada, usurpada, subvertida, corrompida. É claro que as medidas usadas por esse homem de bom coração, sim, de bom coração, não foram as mais razoáveis e isso se deve, naturalmente, à ausência do seu equilíbrio mental. O que não transforma Aroldo, de maneira alguma, em um assassino cruel, violento, tampouco em um monstro, como insiste, de forma equivocada, o caro colega, advogado de acusação. É válido destacar, ainda, Meritíssima, que todas as mulheres vítimas dessa fatalidade não foram violentadas de nenhuma forma. Envenená-las foi a maneira poética que Aroldo, no auge da sua indignação com essa cultura xiita e estúpida, que transforma magros em seres acima do bem e do mal, encontrou para não compactuar com essa violência psicológica e libertá-las de uma vez por todas dessa imposição absurda em terem que emagrecer. Ouso dizer que Aroldo, Meritíssima, é um mártir, que ainda que tenha falhado, trazia no seu gesto, de certa forma político e irremediável, uma nobre intenção. Matou 12 gordas sim. Mas para abrir os olhos de uma vez por todas da população mundial, que certamente em longo prazo sofrerá de forma positiva as consequências de sua ação. E antes de findar meu argumento, faço aqui uma provocação: o que seria dos ônibus lotados, dos restaurantes a quilo, das churrascarias, dos rodízios, das drogarias com seus sorrisais, das sorveterias, das pipocas do cinema, das lojas de departamento com a sessão de roupas GG, o que seria da nossa economia se todas as gordas decidissem emagrecer? A atitude de Aroldo, hoje manchete no mundo inteiro, que voltou os olhos para esse sorveteiro humilde e trabalhador, ainda que soe fria e mórbida, tem sua cota de valor. Aroldo definitivamente não premeditou esse triste evento, tampouco agiu por mal. E não é encarcerando-o para que envelheça ao lado de criminosos cruéis

e perigosos, como deseja a acusação, que utilizaremos de justiça para com esse pobre ser humano, que de forma lamentável e ausente de qualquer lucidez, como todos nós aqui já sabemos, fez o que fez. Que Aroldo Machado seja julgado com humanidade e assim possa receber com dignidade um tratamento médico em uma clínica especializada e não em uma penitenciária onde ele, que não possui antecedentes criminais, certamente sairia deformado. Tantos outros gênios, que mudaram de forma avassaladora e para melhor os rumos da nossa história, foram taxados de loucos e totalmente incompreendidos. Infelizmente ou felizmente, Aroldo é a bola da vez. Confio na lucidez do vosso julgamento. Vossa Excelência tem a decisão nas mãos.

JUÍZA

O réu tem algo mais a dizer?

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

CAPÍTULO II

CONSULTÓRIO DE PSICANÁLISE

Eunice, deitada no divã, come e fala de boca cheia. Doutora Sidney chupa um sorvete de beterraba e a ouve com fascínio.

EUNICE

O que foi que disse?

DOUTORA SIDNEY

O seu sorvete. Derreteu.

EUNICE

Ah, sim. Obrigada.

DOUTORA SIDNEY

Não tem de quê.

EUNICE

Cuide-se. E seja feliz.

DOUTORA SIDNEY

Sempre me encantando com sua doçura.

EUNICE

Refiro-me ao torpedo, doutora: “Não quero mais nada contigo. Cuide-se e seja feliz.”

DOUTORA SIDNEY

Isso foi tudo o que ele disse?

EUNICE

Sim. Mas a verdade é que não tenho certeza se foi “ele” quem disse.

DOUTORA SIDNEY *(anotando em voz alta)*

Não tem certeza se recebeu essa mensagem ou se isso é fruto da sua mente criativa.

EUNICE

Não, doutora. Não sei se foi ele quem terminou tudo comigo ou se foi ela. É tudo muito novo pra mim. É a primeira vez que levo um pé no rabo. Foi tudo surpreendentemente estranho. Especialmente porque sou solteira. E aqui é tudo muito diferente. No mar isso jamais aconteceria.

DOUTORA SIDNEY

É. No Rio as coisas são bem diferentes mesmo.

EUNICE

Às vezes, a vontade que me dá é voltar de uma vez por todas pro fundo do mar e não sair mais de lá.

DOUTORA SIDNEY

Sempre me encantando com sua impulsividade.

EUNICE

Doutora, me diz como superar essa sensação amarga de ter sido rejeitada, se não sei quem me rejeitou?

DOUTORA SIDNEY

Já pensou em ligar de volta?

EUNICE

Foi a primeira coisa que fiz. Mas só dá caixa postal. É muito humilhante ser desprezada por alguém que nem sei quem é, doutora. Já passou por isso alguma vez?

DOUTORA SIDNEY

Se levarmos em conta que nunca conhecemos realmente quem está ao nosso lado, posso dizer que sim.

EUNICE

E como superou?

DOUTORA SIDNEY

“Só um amor para curar outro amor”. Chico Xavier.

EUNICE

Lindas palavras, doutora. Mas na prática a teoria é outra. E tem outra coisa: sou peixes com lua em aquário. Não lido bem com rejeição. Sou do tipo que tem fome, muita fome de vingança mesmo.

DOUTORA SIDNEY

“A vingança é um peixe que se come frito”. Clarice Lispector.

EUNICE

Mas como me vingar de alguém que nem sei quem é? Estou sendo consumida por um sentimento de impotência que anda acabando com minha autoestima. E quando me sinto impotente, eu como pra não enlouquecer.

DOUTORA SIDNEY

Como?

EUNICE

Doutora, é impressão minha ou está um pouco distante?

DOUTORA SIDNEY

Desculpe, Eunice. É que é tão encantadora sua sinceridade, que acabei mergulhando na sua franqueza e me afogando na espontaneidade que brota desses teus olhos da cor do mar.

EUNICE

É lenta de contato, doutora. Meus olhos na verdade são castanhos. Mas como ia dizendo, uso a comida como válvula de escape. Por isso vim até aqui. Preciso de ajuda. Para superar esse término, deixar a ansiedade de lado e parar de comer igual a uma baleia. Preciso recomeçar.

DOUTORA SIDNEY

“Você é linda mais que demais, você é linda sim”. Chico Buarque de Holanda.

EUNICE

Não. Sou gorda. Sou uma sereia gorda. Sempre fui. Por isso troquei o mar pelo Rio, porque tinha esperança que aqui, estimulada por esse culto à boa forma, emagreceria. Mas o tiro saiu pela culatra. Sofri essa decepção e passei a comer mais compulsivamente ainda. Resultado: cheguei à casa dos três dígitos, doutora. Deixei de ser gorda e virei obesa. Tem noção do peso que isso tem na minha vida? Eu que sempre sofri por não me encaixar nos padrões de beleza idealizados por minha família e pela sociedade, agora estou ainda mais distante deles.

DOUTORA SIDNEY

“A calma é a melhor amiga da alma”. Rita Lee.

EUNICE

E tem outra coisa que ainda não falei. E que na verdade nem sei como dizer.

DOUTORA SIDNEY

Prossiga, sem pudores.

EUNICE

Essa torta é de sardinha, doutora. Minha compulsão alimentar é por sardinhas, peixes, camarões e comida japonesa de um modo geral. Não sou boa bisca. De algum modo ajudo a dizimar os meus. Sou praticamente uma canibal. Acordo e durmo



com esse sentimento de culpa. Mas é mais forte do que eu. Quando vejo já estou atracada com um namorado assado com batatas, um salmão com lentilhas, um combo de sushi e sashimi. E agora, pra me enganar, apelei pras tortas de sardinha, pra amenizar minha culpa. Mas não adianta. Sou uma víbora. Mereço mesmo ser desprezada. Mas precisava ser dessa forma tão cruel? Por alguém que nem sei quem é?

DOUTORA SIDNEY

Eu te amo, Eunice.

EUNICE

Como?

DOUTORA SIDNEY

Pode comer sua torta de sardinha à vontade, meu amor. Eu te amo com todas as suas neuras, com toda a sua gula, com toda a sua culpa. Com todas as suas dobras. Eu te amo com todos os dígitos que você imprime na balança. Eu te amo, como nunca amei um paciente em toda minha vida. Eu te amo como nunca me amei em toda a minha vida.

EUNICE

Desculpe, doutora Sidney.

DOUTORA SIDNEY

Pode me chamar só de Sidney, por favor. Já temos intimidade o suficiente. Afinal, a conheço há quase uma hora. E já sei tanto sobre você, que não vejo mais porque esse tipo de formalidade.

EUNICE

Doutora, acho que está confundindo.

DOUTORA SIDNEY

Você precisa permitir-se Eunice. Você está no Rio, aqui é tudo diferente. Muito mais liberal. Dê-me uma chance de fazê-la feliz.

EUNICE

Doutora, com todo o respeito. Meu negócio é peixe-espada. E acho melhor a gente fazer de conta que essa conversa não aconteceu.

DOUTORA SIDNEY

Você não pode estar falando sério.

EUNICE

Por que não estaria?

DOUTORA SIDNEY

Porque dediquei quase uma hora da minha vida pra te ouvir, fui me encantando com cada sílaba que você proferia, com cada som que você emitia, com cada gesto. E você foi aproveitando-se da minha vulnerabilidade pra me seduzir, me iludir e agora me tratar assim?

EUNICE

Eu paguei por essa sessão.

DOUTORA SIDNEY

Não pagou.

EUNICE

É lógico que paguei. Paguei com meu plano de saúde.

DOUTORA SIDNEY

Não aceitamos seu plano de saúde. Não trabalhamos com Unimar.

EUNICE

É claro que trabalham. Dei o cartão do meu plano de saúde pra sua secretária ran-zinza efetuar a transação.

DOUTORA SIDNEY

Aquela não é a secretária. Aquela mulher magra, amarga e cheia de varizes que é incapaz de demonstrar afeto é a diarista que limpa meu apartamento de 15 em 15 dias e veio me trazer as chaves e o sorvete de beterraba *light* que comprou especialmente pra mim. O nome dela é Maria José. Apesar de ser incapaz de demonstrar afeto, adora me paparicar. E sabe que tenho uma queda por sorvete de beterraba. *Light*.

EUNICE

Olha, realmente acho que... Disse sorvete de beterraba? *Light*?

DOUTORA SIDNEY

Uhum. Uma delícia. Sorvete de beterraba. *Light*.

EUNICE

Nunca ouvi falar desse sabor.

DOUTORA SIDNEY

Pois é. Nem eu. Até Maria José me apresentar esse sabor, que descobriu em uma sorveteria que tem dentro de uma galeria no centro da cidade e eu nunca mais vou querer saber de outra coisa.

EUNICE

Então deve ser muito gostoso.

DOUTORA SIDNEY

É muito mais que gostoso. É delicioso. É um sabor que só provando mesmo pra entender.

EUNICE

Uau.

DOUTORA SIDNEY

Posso te confessar uma coisa?

EUNICE

Prossiga, sem pudores.

DOUTORA SIDNEY

Eu não apenas me solidarizo com teu drama, como me identifico com ele. Já tive uma queda por frutos do mar.

EUNICE

Jura?

DOUTORA SIDNEY

Sim. Mas meu fraco mesmo sempre foram as empadinhas de camarão.

EUNICE

Com muito *cheddar* e azeitona?

DOUTORA SIDNEY

E bastante cheiro-verde. Eunice, somos mais parecidas do que pode imaginar. Acredite: para mim também não era nada fácil essa compulsão. Com todo respeito, eu vivia fedendo a peixe. Mas depois que conheci o sorvete de beterraba *light*, minha vida mudou. Não vou dizer que tomei nojo de peixe, pois estaria sendo leviana e admito que ainda tenho minhas crises de abstinência, mas hoje prefiro mil vezes o meu sorvete. Não troco por nada.

EUNICE

Nossa! Nem sei o que dizer.

DOUTORA SIDNEY

Pois eu sei. Você precisa dar-se o direito de experimentar e rever seus gostos. No começo você pode até achar o sabor meio estranho, mas depois que tomar gosto pela coisa, aí não vai querer saber de outra. Pode apostar.

EUNICE

Será?

DOUTORA SIDNEY

Claro! Permita-se Eunice.

EUNICE

Não sei. Ainda estou confusa. Talvez seja melhor não.

DOUTORA SIDNEY

Tem certeza?

EUNICE

Não.

DOUTORA SIDNEY

Imaginei.

EUNICE

Posso?

DOUTORA SIDNEY

É claro!

(Eunice dá uma lambida no sorvete de Sidney e depois uma segunda e uma terceira lambida.)

EUNICE

Você faz isso com todas?

DOUTORA SIDNEY

Não. Só com as sereias.

EUNICE

Vou parecer muito juvenil se eu disser...

DOUTORA SIDNEY

Prossiga.

EUNICE

Que eu te amo?

DOUTORA SIDNEY

É claro que não.

EUNICE

Eu te amo. Como nunca amei ninguém em toda minha vida. Como nunca me amei em toda minha vida.

DOUTORA SIDNEY

“O peixe morre pela boca”. Caio Fernando Abreu.

EUNICE

Oi?

DOUTORA SIDNEY

Cai fora daqui, sua piranha gorda.

EUNICE

Como assim? Há pouco disse que me amava!

DOUTORA SIDNEY

Disse. Pretérito. Mas estragou tudo quando correspondeu ao meu amor.

EUNICE

Mas pensei que...

DOUTORA SIDNEY

Pensou errado. Cai fora daqui. Porque amor correspondido é igual peixe estragado. Logo começa a feder.

EUNICE

Não pode estar falando sério. Não pode me jogar no lixo como uma espinha de peixe de rio.

DOUTORA SIDNEY

“Despreza-me que te prezo. Preza-me que te desprezo” Sidney Sheldon. Cai fora. E até nunca mais. Daqui a dez minutos tenho outra paciente.

EUNICE

Posso, pelo menos?

DOUTORA SIDNEY

Leva o sorvete inteiro, se quiser, desde que suma da minha frente agora mesmo, sua baleia.

(Eunice sai desolada, chupando o sorvete de beterraba light.)

DOUTORA SIDNEY

“Antes só que do mal acompanhada”, já dizia Cecília Meireles. Próxima!

CAPÍTULO III

CAFÉ DE UMA LIVRARIA DECADENTE

Eunice está sentada lendo a contracapa de um livro com desânimo. Aroldo fuma um cigarro. Em volta deles muitos livros velhos e um aroma de café pairando no ar.

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

EUNICE

Oi?

AROLDO

O seu sorvete. Caiu na sua blusa.

EUNICE

Droga. Outra vez? Detesto desperdício.

AROLDO

É. Deu pra perceber.

EUNICE

Obrigada por me avisar.

AROLDO

Não tem de quê.

EUNICE

Muito prazer. Eunice.

AROLDO

Aroldo.

EUNICE

Berinjela gratinada é uma prima do jiló que subiu na vida. O jiló é um cara que nasceu amargo, que não combina com açúcar. O açúcar adoça tudo profundamente e mesmo assim sempre vai em cana. E como ele é vulnerável! Basta passar o café para que se derreta todinho. O café.

AROLDO

Um café, por favor.

(Olha de relance pra ela) Sem açúcar.

EUNICE

Não entendo o que esse autor diz. Parece que fala pra dentro. Fica difícil entender. Fica difícil continuar lendo. Fica difícil continuar aqui. Falando sozinha.

AROLDO

Fica.

EUNICE

Você disse fica?

AROLDO

É.

EUNICE

Você quer?

AROLDO

O quê?

EUNICE

Que eu fique? Vai ser importante pra você se eu ficar?

AROLDO

Vai ser importante pra você, se for importante pra mim, que você fique?

EUNICE

Não sei.

AROLDO

Não sabe?

EUNICE

É. Nunca sei o que é exatamente importante pra mim.

AROLDO

Ninguém sabe. Mas é preciso fazer de conta que se sabe.

EUNICE

Então digo que é. É importante.

AROLDO

E então eu fico.

EUNICE

E depois que terminar o café?

AROLDO

O que é que tem?

EUNICE

Cada um vai pro seu lado?



AROLDO

É o previsível. Ou não?

EUNICE

Esse é o ponto. Detesto tudo que é previsível. Gosto mesmo é de quebrar a regra. Que nesse caso seria nós dois irmos pro mesmo lado.

AROLDO

Ou não irmos. A gente podia continuar aqui nessa livraria. Eu tomando o meu café. Você folheando esses livros chatos que dizem coisas pra dentro. E o imprevisível tomando conta de nós.

EUNICE

O que tem de imprevisível nisso?

AROLDO

Eu não a conheço. Você não me conhece. São cinco horas da tarde e daqui a pouco cada um de nós inevitavelmente seguiria seu rumo. Eu seguiria pra minha casa, pra minha vida, pra minha mulher, e você pra sua casa, pro seu cachorro e pra sua coleção de esmaltes de cores quentes.

EUNICE

Por que não disse que eu seguiria pra minha casa e para o meu marido também?

AROLDO

Você é casada?

EUNICE

Não. Não tenho talento pra ser esposa. Mas nunca pensei que isso estivesse escrito na minha testa.

AROLDO

Está escrito.

EUNICE

Na minha testa?

AROLDO

Não. Estou lendo o título do livro. Está escrito. É o título.

EUNICE

Não tem cara que gosta de livros sobre espiritualidade.

AROLDO

Mas não gosto.

EUNICE

O que está fazendo aqui na sessão deles então?

AROLDO

Não tenho culpa se o café da livraria fica junto com essa sessão.

EUNICE

É verdade, não tinha reparado.

AROLDO

Você também não tem cara de que gosta de livros.

EUNICE

Sobre espiritualidade?

AROLDO

Não. Livros de um modo geral.



EUNICE

E não gosto mesmo. Só entrei aqui por sua causa. Estava passando em frente à Bolsa de Valores quando o vi saindo e vindo em direção à livraria. Vi quando os papéis que estavam na sua mão caíram e você travou um duelo com o vento para tentar recuperá-los. Sonhei com isso faz uns dois dias. Sonhei. Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

AROLDO

Você já não olha como antes. Você cresceu, cresceu demais.

EUNICE

Oi?

AROLDO

O título desse livro. Sobre transformações e mudanças. A sessão de autoajuda está misturada com a de espiritualidade.

EUNICE

Posso saber então o que estamos fazendo aqui?

AROLDO

Oi?

EUNICE

Não seria melhor nós dois irmos para o mesmo lado?

AROLDO

Seria?

EUNICE

No meu sonho, eu seguia pra livraria, a gente conversava e depois íamos os dois, juntinhos.

AROLDO

Juntinhos? Isso parece bom.

EUNICE

Quis dizer, juntos.

AROLDO

Íamos pra onde?

EUNICE

Pra um lugar onde pudéssemos ser felizes.

AROLDO

Não somos felizes?

EUNICE

Quis dizer, mais felizes.

AROLDO

Bem mais felizes? Isso parece muito bom.

EUNICE

De zero a dez, quanto você é feliz?

AROLDO

De dez a zero, quando você é feliz?

EUNICE

Acha que isso é pergunta que se faça?

AROLDO

Os homens têm uma tendência a achar que sim, as mulheres não.



EUNICE

Para as mulheres a felicidade não é matemática.

AROLDO

Não mesmo. Minha mulher, quando inventa moda de querer ser feliz, sai gastando com tudo que vê pela frente.

EUNICE

Não quero que fale sobre ela. Não pelo menos quando estiver comigo.

AROLDO

Estou com você?

EUNICE

Estamos juntos. Não estamos?

AROLDO

Mas ainda nem sei quem você é.

EUNICE

Você não está sozinho. Também não sei ainda quem sou. De qualquer modo, não fale sobre ela. No meu sonho, você nem sequer cogitava a hipótese de mencionar o nome dela.

AROLDO

No seu sonho, nós olhávamos pra janela às cinco da tarde e víamos o céu cheio de estrelas?

EUNICE

Exatamente. No meu sonho, nós olhávamos pra janela às cinco da tarde e não víamos nenhuma estrela. Mas mudando de assunto, você tem fogo?

AROLDO

Não. Não fumo.

EUNICE

Não é isso. Quero saber se você é quente. Se tem fogo. Se gosta de uma boa trepada. Desculpe. Juro que tentei não ser direta e dar ao nosso encontro uma pegada quase onírica, mas você é devagar quase parando. Vou ter que ser mais clara. Daqui a pouco vai dar seis, sete horas da noite e a lua vai se pôr. E o sol vai nascer. O sol das sete da noite me desestabiliza.

AROLDO

Mas aqui dentro estará protegida.

EUNICE

Quem me garante que o sol não vai atravessar o vidro da vitrine e o reflexo dela não vai cegar meus olhos? Ninguém garante. Não tenho tempo a perder. Quer ser meu amante?

AROLDO

Isso é uma cantada?

EUNICE

Não. Isso é uma cantada.

AROLDO

Ah, isso é uma cantada então?

EUNICE

Não, isso é uma cantada. Se disser que sim, a gente sai de uma vez por todas desse lugar.



AROLDO

Não gosta dessa livraria?

EUNICE

Não gosto de nenhuma livraria. Tem cheiro de melancolia. Isso aqui é lugar pra maridos, esposas, velhos e gente flácida. Não é lugar pra mulheres como eu. Nunca li um livro de verdade. Só leio as orelhas, as contracapas. E olhe lá.

AROLDO

Gosto da sua franqueza.

EUNICE

Não sou fraca.

AROLDO

Disse que gosto da sua fraqueza.

EUNICE

Hum...

AROLDO

Gosto de quem simplesmente é.

EUNICE

Por favor, mais respeito comigo. Que tenho idade pra ser sua amante. E não sou tão franca assim.

AROLDO

A lua tá se pondo.

EUNICE

Às vezes eu minto.

AROLDO

É lindo ver a lua se pôr aqui desse ângulo da livraria.

EUNICE

Mas só minto quando é necessário. E sempre é.

AROLDO

E as estrelas começam a se preparar pra receber o sol. Elas começam a se movimentar pelo céu, num fluxo só. Parece coreografado.

EUNICE

Mas não pense que só as mulheres que têm vocação pra ser amantes é que mentem. As esposas também mentem. No fundo, amantes, esposas, todas as mulheres mentem. Em um verdadeiro fluxo. Quer dizer, quase todas, menos as flácidas.

AROLDO

Hum?

EUNICE

As flácidas não sabem mentir. São sinceras por natureza.

AROLDO

Quando era mais jovem, queria estudar as estrelas. Acabei virando dono de sorveteria.

EUNICE

Mas eu te vi saindo da Bolsa de Valores.

AROLDO

Não. Você me viu saindo da sorveteria, que fica na mesma galeria da Bolsa de Valores.



EUNICE

Mas e aqueles papéis todos que caíram da sua pasta?

AROLDO

Boletos vencidos. Contas a pagar. O aluguel naquela galeria está o olho da cara. Qualquer hora dessas, desisto e viro vendedor de sorvete ambulante.

EUNICE

Eu nunca quis estudar. Sempre quis ser amante.

AROLDO

Pelo menos alguém aqui chegou onde queria.

EUNICE

Cheguei porcaria nenhuma. Queria ser amante efetiva, com estabilidade. Meus casos nunca duraram mais que duas estações. Por isso te segui. Pensei: se aquela cena inteira aconteceu antes no meu sonho, se você surgiu assim do nada no meu sonho, deve ser o amante que tanto espero. Então imaginei tudo: a gente trocava umas palavras, tomaríamos um café e depois, antes mesmo da lua se pôr, iríamos pro mesmo lado, pra a mesma cama. Num fluxo só.

AROLDO

Esse papo tá me deixando com fome.

EUNICE

Esse papo está me deixando com calor. Pena que aqui não vende sorvete.

AROLDO

É. Inverno é assim mesmo. Quente.

EUNICE

É. Já não se fazem mais invernos como antigamente.

AROLDO

Acho que vou pedir uma berinjela gratinada.

EUNICE

Berinjela gratinada? Que coincidência.

AROLDO

Aqui no café da livraria eles fazem a melhor da cidade.

EUNICE

É porque ainda não comeu a minha berinjela. Boto pimenta.

AROLDO

O quê? Acabou a berinjela?

EUNICE

Se você quiser, posso.

AROLDO

Pode?

EUNICE

Posso.

AROLDO

Tem certeza?

EUNICE

Não. Mas posso.



AROLDO

Olha, agradeço a proposta. Tudo o que tem pimenta me faz um mal danado. Vou pra casa. Comer a berinjela da minha esposa mesmo. Sem pimenta.
(Ao garçom) A conta, por favor.

EUNICE

Mas pensei que...

AROLDO

Deixa que o seu café é por minha conta.

EUNICE

Mas não bebi nenhum café.

AROLDO

Mas vai acabar bebendo, todo mundo é viciado em café.

EUNICE

Não sou viciada em café.

AROLDO

É viciada no quê então?

EUNICE

Não sou viciada em nada.

AROLDO

Essa é uma das fases do vício. A negação. Não seja modesta. Todo mundo é viciado em alguma coisa.

EUNICE

É, acho que pode estar certo. Tá bom, você está certo. Sou mesmo uma viciada.

AROLDO

Sim, estou certo. Eu acho.

EUNICE

Viciada em querer o que não posso ter. Viciada em querer o que é dos outros. Em marido dos outros. Pode apostar que sem essa aliança dourada brilhando aí no seu dedo, não teria te dado pelotas.

AROLDO

Seja otimista. Talvez seja viciada em alianças douradas.

EUNICE

Não tenho vocação pra ourives. Meu vício é em homem casado mesmo. E em sorvete de beterraba. *Light*. O meu preferido. E você?

AROLDO

Eu não sou muito chegado em homens casados não. Pra falar a verdade nem em solteiros. E sorvete, por incrível que pareça, não gosto nem do cheiro.

EUNICE

Um sorveteiro que não gosta de sorvete?

AROLDO

Ironias da vida.

EUNICE

Não é isso. Quero saber qual o seu vício. Não acabou de dizer que todo mundo é viciado em alguma coisa?

AROLDO

Não lhe parece óbvio? Achei que estivesse estampado na minha cara. Sou viciado em berinjela gratinada mesmo. E em café, é claro. Mas café não conta porque é



lugar comum. Vício que todo mundo tem, não conta como vício. O coletivo acaba nos protegendo e o vício é visto apenas como um hábito diário.

EUNICE

Entendi. Eu acho.

AROLDO

Agora, realmente preciso ir.

EUNICE

Olha, quanto ao café, não precisa mesmo se preocupar em pagar. Não vou beber. Me dá azia. E azia me deixa melancólica. E melancolia me abre o apetite. E eu morro de medo de engordar ainda mais e virar uma gorda flácida.

AROLDO

Já que insiste. A conta por favor. Deixa que o seu café é por minha conta.

Ele paga a conta e sai.

EUNICE *(Lendo a contracapa de um livro.)*

E ela nunca mais dormiu. Pra nunca mais sonhar. E a única chance de ser menos infeliz saiu por aquela porta, pra nunca mais. Ela sempre ficava com aquela sensação. De que era sua última chance, que como as outras iam embora num fluxo só de ida. Sem despedida. Sem volta. Que livro estúpido. Coisa melancólica essa livraria. Por favor, um café sem açúcar. Não sei se foi essa conversa ou essa leitura, mas alguma coisa me embrulhou o estômago.

Quando termina de beber o café, vê que ele esqueceu sua carteira e grita:

EUNICE

Ei! Você da berinjela gratinada! Nesse caso só me resta... *(abre a carteira e começa a fuçar)* Cartão de crédito. Cartão do clube. Cartão do plano de saúde. Cartão fidelidade da livraria. Cartão de visita. Cartão de visita? *(pega o telefone dentro da bolsa e digita ansiosa o número dele que está no cartão)* Não pode ter sido por acaso. Impossível. Sonhei com isso faz uns dois dias. Sonhei. Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

(Blecaute parcial do palco, que só conta com a iluminação do celular. A luz acende na outra parte do palco. Ela completa a ligação falando sozinha.)

EUNICE

Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

(Som do telefone chamando. Ele atende.)

AROLDO

Alô?

EUNICE

Desculpe. Foi engano.

(Ela desliga o telefone. Som do telefone dela tocando. Ela atende.)

EUNICE

Alô.

AROLDO

O convite pra comer sua berinjela ainda tá de pé?

CAPÍTULO IV

COZINHA.

(Eunice corta batatas, em uma cozinha bem organizada, mas caindo aos pedaços: geladeira e fogão enferrujados, quando Aroldo chega e tapa os seus olhos com as duas mãos.)

AROLDO

Adivinha quem é?

EUNICE

Brad Pitt.

AROLDO

Pensou mesmo que o Brad Pitt entrou aqui na nossa sala, tapou seus olhos com as mãos e disse: adivinha quem é?

(Ela continua cortando batatas, ainda de costas para o marido, e ri imaginando a cena.)

EUNICE

Ué, por que não? Hoje em dia, meu filho, não duvido de mais nada.

AROLDO

Era só o que me faltava. O que o Brad Pitt estaria fazendo na nossa casa?

EUNICE

Você não sentiu?

AROLDO

Não senti o quê?

EUNICE

O cheiro.

AROLDO

Cheiro do quê?

EUNICE

Ora, como cheiro do quê? Cheiro da minha rabada.

AROLDO

Está querendo me engabelar e mudar de assunto?

EUNICE

O Brad Pitt poderia estar com fome.

AROLDO

Fome?

EUNICE

É. Já ouvi dizer que ele adora uma rabada.

AROLDO

Me diz assim, com a maior naturalidade, que o Brad Pitt estaria atrás da sua rabada?

EUNICE *(respira fundo enquanto começa a cortar as cebolas)*

Foi só uma hipótese, benzinho. Era só o que me faltava: ficar bravo por causa de uma hipótese. E. de mais a mais, acha realmente que o Brad estaria no Brasil sem que ninguém ficasse sabendo?

AROLDO *(cruza os braços e começa a balançar a perna num típico tique nervoso)*

Ué, por que não? Hoje em dia, meu bem, não duvido de mais nada. Mas o que mais



me espanta é essa sua intimidade repentina com o Brad Pitt. Desde quando chama ele só de Brad, hein? Posso saber?

EUNICE

Ué, sei lá. Acho que desde sempre.

AROLDO

Em dois anos de casados, nunca chamou ele só de Brad na minha frente.

EUNICE

Na sua frente realmente nunca.

AROLDO

Então admite que na minha frente o trata de um jeito e que por trás...

EUNICE

Ah não, chega dessa história! Do que faço ou não por trás. E, de mais a mais, você que começou com isso. De chegar por TRÁS me tapando os olhos.

Aroldo acende um cigarro e anda de um lado para o outro.

EUNICE

E que novidade é essa?

AROLDO

Que novidade?

EUNICE

Esse cigarro aí.

AROLDO

Ué, o que é que tem?

EUNICE

Como assim, o que é que tem? Desde quando você fuma hein?

AROLDO

Ué, desde sempre.

EUNICE

Em dois anos de casados, nunca fumou na minha frente.

AROLDO

Na sua frente realmente nunca.

EUNICE

Então admite que na minha frente é uma pessoa, e que por trás... Sabe que odeio cigarro.

(Toma o cigarro dele e começa a fumar cortando as cebolas.)

AROLDO

Pode ir parando. Porque a interrogada aqui é você.

EUNICE

Interrogada? Então sou suspeita de algum crime agora?

AROLDO

Não pense que suas lágrimas de crocodilo vão me comover.

EUNICE

Não são de crocodilo, são de cebola.

AROLDO

Agora vai pôr a culpa nas verduras?



EUNICE

Cebola é um legume!

AROLDO

E se essa sua hipótese fizesse sentido, hein?

EUNICE

Não é uma hipótese. Cebola é um legume!

AROLDO

Estou falando dele.

EUNICE

Oi?

AROLDO

Estou falando dessa tua obsessão chamada Brad Pitt.

EUNICE

Não sou obcecada, criatura. Sou fã apenas. E isso não tem nada a ver com esse teu ciúme doentio.

AROLDO

Não muda o rumo da conversa. E se tua hipótese fizesse sentido, hein? Se o Brad Pitt tivesse mesmo no Brasil?

EUNICE

Ué, o que é que tem?

AROLDO

Esquece nossa casa. Esquece nossa cozinha. Esquece tua rabada.

EUNICE

Meu Deus, a rabada!

(Ela sai correndo até o fogão e mexe a panela.)

AROLDO

Não me engabela. O que é que tem a rabada agora?

EUNICE

Preciso pôr mais água. Se não ela fica seca por fora e crua por dentro. E o segredo da minha rabada é justamente ficar bem molhadinha.

AROLDO

Imagina apenas que ele estivesse no Brasil. O que teria vindo fazer aqui se nem estamos no carnaval?

EUNICE

Ué, veio lançar um filme.

AROLDO

Ok. Veio lançar um filme, se perdeu na cidade, entrou no nosso bairro, no nosso prédio, sentiu o cheiro da sua rabada, entrou no nosso apartamento, te pegou desprevenida cortando batatas e foi logo fechando seus olhos por trás, na maior intimidade?

EUNICE

Ué, por que não?

AROLDO

Será que só sabe responder “Ué, por que não?”?

EUNICE

Ué.

AROLDO

E não acha estranho que o Brad Pitt entre por essa sala, falando fluentemente o Português?

EUNICE

Ué, por que n...? Já imaginou que ele possa ter feito 24 meses de aula de Português em um curso de idioma lá na terra dele?

AROLDO

E como é que ele passou pelo porteiro sem ser anunciado? Como é que ele tinha a chave do apartamento?

EUNICE

Tenha santa paciência!

AROLDO

Não subestime minha inteligência!

EUNICE

Isso já tá virando é mania de perseguição!

AROLDO

Não se faça de sonsa.

EUNICE

Meu filho, onde é que foi parar seu senso de humor? Não percebe que eu estava brincando? Só não imaginei que fosse detestar tanto minha brincadeira assim. Imagina! O Brad Pitt na minha cozinha. É lógico que isso é impossível, que foi uma grande brincadeira.

AROLDO

Ué, por que não? Hoje em dia, meu bem, não duvido de mais nada.

EUNICE *(Aponta a faca na direção dele.)*

Eu disse que foi brincadeira!

AROLDO

Do jeito que você disse “Brad Pitt”.

EUNICE

O que é que tem?

AROLDO

Falou de um jeito, quase como se tivesse se lamentando.

EUNICE

Como é que é?

AROLDO

Quando você disse daquele jeito: “Brad Pitt” era como se tivesse dizendo: “Fazer o quê? Só pode ser o sem graça do meu marido. Não podem ser outras mãos, outro homem, outra vida longe desse país, longe desse apartamento, longe dessa cozinha, longe de tudo que é chato, previsível e sem sal.”.

EUNICE

Desisto.

AROLDO

Do nosso casamento? Quer o divórcio? Eu sabia.

EUNICE

Que divórcio, Aroldo, se nem casados no papel nós somos.

AROLDO

Eu sabia.

EUNICE

Desisto de você.

AROLDO

Não vai desistir coisa nenhuma. Não antes de me dizer toda a verdade.

EUNICE

Que verdade, homem?

AROLDO

Há quanto tempo vocês estão juntos? Tenho o direito de saber!

EUNICE

Não tá dizendo coisa com coisa.

AROLDO

Eunice, você não tinha esse direito. Sou magro, bonito, porte atlético. Vou à missa aos domingos, evito glúten, nunca como dois tipos de carboidratos de uma só vez.

EUNICE

Seu ciúme está passando dos limites.

AROLDO

Isso não tá cheirando nada bem.

EUNICE

A rabada!

AROLDO

A rabada?

EUNICE

Ela queimou! Culpa sua que me deixa louca!

AROLDO

Não adianta mudar de assunto. Tomei uma decisão. Ou me conta desde quando você e esse Brad Pitt estão... Bem, você sabe. Ou me atiro agora da janela.

EUNICE

Mas estamos no oitavo andar. Meu filho, não tem Brad Pitt nenhum. E de mais a mais, você vai acabar se machucando.

AROLDO

Você é quem sabe. Se é assim só me resta me atirar pra eternidade. Melhor que ficar aqui refém da sua conversa fiada.

EUNICE

Ok. Você venceu. Eu confesso. Quando me tapou os olhos achei mesmo que pudesse ser o Brad. Tivemos uma aventura. Coisa passageira. Mas antes, bem antes de você. E hoje sei lá, bateu uma nostalgia e quando você chegou, pensei que pudesse mesmo ser ele, querendo matar a saudade da minha rabada.

AROLDO

Desgraçada.

EUNICE

Corno manso.

AROLDO

Vou acabar com sua raça. Gorda bandida.

EUNICE

Acaba. Se é mesmo macho acaba que quero ver.

(Aroldo enforca Eunice, que se contorce até cair desmaiada no chão. Ele dá um grito esganiçado. Eunice, desacordada, começa a se mexer. Os dois caem na gargalhada e começam a se beijar.)

AROLDO

Sua maluca.

EUNICE

O que eu não faço pra te agradar, hein?

AROLDO

Ah, e essa tua rabada tá acabando com meu coração. Pôs batata e bastante cebola?

EUNICE

É claro. E muito manjericão.

AROLDO

Delícia.

EUNICE

E de sobremesa, já pode imaginar o que vou querer, não é?

AROLDO

Sorvete de beterraba.

EUNICE

Light. Uma delícia.

AROLDO

O que você não pede chorando que eu não faço sorrindo?

(Se beijam no chão da cozinha, enquanto a luz cai.)

CAPÍTULO V

QUARTO

Um quarto pequeno, mobiliado com alguns móveis vagabundos e velhos, entre eles uma penteadeira com grandes espelhos, alguns enferrujados pelo tempo. Sobre a penteadeira muitos frascos de perfume e vários enfeites. Apesar de a mobília ser antiga, é tudo muito bem organizado. A luz é pouca e vem de um abajur sobre o criado-mudo ao lado da cama. Foco de luz na boca de Eunice, que está deitada, com as costas apoiadas na cabeceira da cama e chupa um sorvete de beterraba light lambuzando-se com prazer. Aroldo, deitado só de cueca, se espreguiça feliz da vida.

AROLDO

Gozou com gosto, hein?

EUNICE

É. Disso não posso reclamar.

AROLDO

E pode reclamar do quê? Sua galhofeira.

EUNICE

De nada. Não é?

AROLDO

Você não toma jeito, Eunice.

EUNICE

Prefiro tomar sorvete. Mas não pode ser qualquer sabor. Tem que ser sorvete de beterraba. *Light.* O meu preferido.



AROLDO

Vai ser gozada assim lá na...

EUNICE

Aroldo, cai fora.

AROLDO

O quê?

EUNICE

Eu disse: cai fora.

AROLDO

Mas Eunice, a porra do nosso amor ainda tá quente sobre o nosso colchão.

EUNICE

O tempo que tenho pra terminar de tomar esse sorvete é o tempo que você tem pra cair fora. Da minha vida. De uma vez, meu filho. Cai fora.

AROLDO

Tá, eu caio. Mas vou logo avisando que não demora pra eu me levantar!

EUNICE

Já disse: cai fora. Antes desse sorvete de beterraba acabar.

AROLDO

Ok. Mas não dou uma semana pra se arrepender e me procurar implorando de joelhos pra voltar.

EUNICE

Coloque suas roupas numa sacola do Hortifruti e deixe as chaves na mesa de centro da sala. Seja feliz.

AROLDOS

Pelo menos me diz o que foi que eu fiz?

EUNICE

Cai fora, Aroldo.

AROLDO

Eunice, dois anos não são duas décadas. Nunca passou pela minha cabeça que um dia pudesse deixar de me amar.

EUNICE

Agora vai, vai. Que o meu sorvete já está no fim.

AROLDO

Que assim seja, Eunice. Não demora e você vai chorar por mim.

CAPÍTULO VI

BOTECO

Um boteco sujo com alguns poucos homens gordos bebendo. Mesas e cadeiras enferrujadas. Aroldo está sentado em uma delas enchendo a cara e falando sozinho. Ele faz um sinal para o garçom, um homem gordo, de mais ou menos uns 25 anos, que traz mais uma cerveja.

AROLDO

Nunca fui homem de me rastejar por mulher nenhuma. Não ia ser dessa vez que eu ia me prestar a esse papel. Ainda mais me rastejar por uma gorda.

GARÇOM 1

Essa tá trincando.

AROLDO

Eunice é gorda, garçom. Aliás, gorda é apelido. Eunice é redonda, roliça, avantajada. Tudo nela é grande. Os peitos, os braços, a batata da perna, a bunda, as coxas, as mãos. Não há uma parte do seu corpo que seja delgada. Até os dedos dos pés e a buceta são inchados. Agora me diz onde é que já se viu! Eu, um cara magro, bonito, com mais de trinta anos nas costas, me ajoelhar pra que essa gorda fique comigo e manchar de vez minha reputação! Notícia ruim corre logo e não iria tardar pra cidade toda ficar sabendo da minha falta de vergonha na cara. Se ela fosse magra, eu até não dizia nada. Dava meu braço a torcer e me ajoelhava se fosse preciso pra ela voltar. Seria até romântico. Mas me humilhar por uma gorda? Nem a pau. De jeito nenhum. Sem condição.

GARÇOM 1

Ah, isso é verdade, meu camarada. Se você chorar pela gorda, pode escrever, a vizinhança não vai perdoar. Seu rompante de falta de amor próprio vai cair na boca do povo. E sabe como é. O Rio é um ovo.

AROLDO

Mas deixe estar. Não dou uma semana pra aquela adiposa recuperar o juízo, pôr o rabinho entre as pernas e me procurar. Me fala, outro como eu onde, essa gorda vai encontrar?

(Mudança de luz.)

GARÇOM 1

Senhor, hoje faz uma semana que está sentado nesse bar.

AROLDO

Não saio daqui enquanto aquela gorda desgraçada não voltar. Vou dobrar o prazo pra duas semanas.

(Mudança de luz.)

GARÇOM 1

Senhor.

AROLDO

Pra quatro semanas.

GARÇOM 1

Senhor.

AROLDO

Pra oito semanas.

(Mudança de luz.)

GARÇOM 2

Hoje faz seis meses que o senhor não se levanta daqui.

AROLDO

Quem é você? Cadê o...

GARÇOM 2

Sou o novo garçom, senhor. O outro morreu atropelado na Central.

AROLDO

Ah, meu Deus. Eu já tinha me afeiçoado tanto a ele. Onde é que está sendo o velório? Faço questão de me despedir.

GARÇOM 2

Ele morreu há uns dois meses. E o senhor precisa seguir sua vida. Já acabou com nosso estoque de bebidas. E de amendoim.

(Aroldo, em um delírio, dá um beijo no garçom.)

AROLDO

Eu te amo, Eunice. Volta pra mim! Eu te imploro! Não posso mais suportar!

GARÇOM 2

O que é isso, companheiro? Meu nome é Garçom. Sou apenas o funcionário desse bar.

(Aroldo, embriagado, se prostra no chão agarrado ao garçom.)

AROLDO

Quando a gente se conheceu, não estava nos meus planos levar aquela papagaiada adiante. Ela era gorda demais pra mim.

(Mudança de luz.)

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

(O sorvete cai sobre a blusa de Eunice, bem em cima dos seios. Eunice passa o dedo no sorvete que caiu sobre a blusa, o levando até a boca.)

EUNICE

Como você já sabe, sou louca por sorvete.

AROLDO

Eu é que tô cada vez mais louco por você.

EUNICE

Até agora não entendi porque aquela conversa fiada de se dizer casado.

AROLDO

Ué. Pra te impressionar. Não disse que tinha uma queda por homem alheio? Não quis arriscar.

EUNICE

Gostou da berinjela? Ou vai me dizer que até nisso mentiu também?

AROLDO

Claro que gostei. Berinjela agora mais do que nunca é meu prato favorito. E obrigado por caprichar na pimenta. Adorei.

EUNICE

Imagina. Não tem de quê.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Mas como eu estava passando por uma fase de vacas magras e nunca tinha fodido com uma mulher daquele tamanho e com aquela largura, decidi, naquele dia, que comeria aquela gorda. Custasse o que custasse, eu faria Eunice dar pra mim. Embora eu soubesse, lá no fundo, que não seria tão difícil assim. Ô bicho carente e cheio de amor pra dar é a tal da gorda, garçom.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Não dou. Não dou. Não dou. Amasso não é prova de amor.

(Eunice joga a casca do sorvete fora.)

(Mudança de luz.)

(Aroldo se esquiva do garçom.)

AROLDO

E ela não deu.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Namoro também não é prova de coisa alguma. Só dou depois que a gente juntar os trapos.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Foi assim que me mudei pro conjugado alugado em que ela morava no Rio Comprido, quando finalmente resolveu me dar. Todas as bucetas que eu tinha comido antes da buceta de Eunice de repente não significavam mais nada pra mim. Ninguém

tinha uma buceta tão quente, rosada, molhada, apertada e cheirosa como a dela, que engolia o meu pau como um beijo de amor demorado que a gente pede a Deus que nunca deixe acabar.

(Mudança de luz.)

EUNICE

De sobremesa tem minha bunda, que você também pode lamber, chupar, morder e comer todas as noites.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Num verdadeiro banquete de rabo e buceta que eu não encontraria em lugar nenhum, porque pertenciam à única mulher que eu amaria em toda a minha vida, à mulher mais gorda e mais gostosa do mundo: Eunice.

GARÇOM 3

Sem querer parecer mal-educado, mas já passou da hora de o senhor se retirar.

AROLDO

Mas e o outro garçom? Não vai me dizer que morreu atropelado na Central também?

GARÇOM 3

Pedi as contas. Achou coisa melhor. Foi trabalhar em uma churrascaria.

AROLDO

Pelo menos alguém teve um final feliz.

GARÇOM 3

Teve final feliz porra nenhuma. No primeiro dia de trabalho ele perdeu o dedo com uma faca de cortar picanha. Ficou aleijado.

AROLDO

Nem sei o que dizer.

GARÇOM

Meu amigo, precisamos fechar o estabelecimento. Queira me desculpar.

AROLDO

Tá certo. Tô há um ano sentado nesse bar. Um ano. Quer saber? Me cansei de esperar. Foda-se o que os vizinhos vão pensar! Foda-se o que os meus amigos vão dizer! Foda-se a opinião dessa cidade ao ver um cara esbelto como eu, me rastejando aos pés de uma gorda! Foda-se!

CAPÍTULO VII

PORTARIA.

Aroldo toca a campainha da portaria e o porteiro, de mais ou menos uns 45 anos, abre o portão.

AROLDO

Bom dia. Eu vou visitar a Eunice no 802.

COSME

Qual o nome do senhor?

AROLDO

Não tá me reconhecendo, Cosme?

COSME

Peraí. Seu Aroldo? É o senhor mesmo?

AROLDO

Sou eu mesmo, Cosme. Em carne e osso. Quer dizer mais osso do que carne.

COSME

Rapaz, e não é que é o Seu Aroldo mesmo? Mas o senhor tá meio abatido!

AROLDO

É. Pior que eu tô, Cosme.

COSME

Não vai me dizer que também inventou de fazer dieta? Porque nessa cidade o povo não fala em outra coisa. Quando não é tudo *light*. É tudo *diet*. É um tal de não

posso comer isso, não posso comer aquilo, de suco verde pra cá, uai protein pra lá.
Resultado: um bando de gente abatida.

AROLD

Não foi dieta não, Cosme. Foram uns problemas na vida. Mas logo logo eu vou
estar com uma cara bem melhor. Se Deus quiser.

COSME

É assim que se fala. Vou interfonar pra dona Eunice, pra avisar que o senhor tá aqui.

AROLD

Não precisa, Cosme. Eu queria fazer uma surpresa pra ela.

COSME

Ah, seu Aroldo, não sei não. A dona Eunice pode não gostar.

AROLD

Até parece que ela não vai gostar de me ver. *(Aroldo dá uma nota de dez reais
para Cosme)* Isso aqui é pra você tomar uma gelada depois, em nome dos ve-
lhos tempos.

COSME

Assim o senhor me quebra. Como é que vou lhe dizer não agora? Vá. Suba. Mas,
olha, eu tô achando que quem vai ter uma surpresa mesmo é o senhor.

(Mudança de luz.)

*(Foco de luz em Aroldo, que toca a campainha ansioso, trazendo um pote de sor-
vete de beterraba normal. A porta se abre. Foco de luz na boca de Eunice tomando
sorvete de beterraba light. Pausa longa.)*

AROLD

É você mesma, Eunice?

(Abre-se a luz e revela-se Eunice. Agora ela é uma sereia, linda, charmosa e magra.)

EUNICE

Redução do estômago, meu bem.

(Aroldo, aos prantos, desaba no chão.)

(Mudança de luz.)

AROLD

Não consegui dizer mais nenhuma palavra. Sem fôlego e sem forças, desabei no chão.
E chorei uma tarde inteira aos pés daquela Eunice genérica, incrédula e chocada
com minha reação. Aquela não era mais a Eunice que eu amava. Não tinha sus-
tância, seu corpo não tinha mais dobras. Não tinha mais bunda, nem peito, nem
culotes, nem pernas roliças e até sua buceta devia ter murchado. No final do dia,
depois de tanto chorar e quase desidratado, em silêncio, deixei o Rio Comprido,
desolado, derrotado e ciente de que seria pra sempre sozinho.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Tá cedo, Aroldo. Fica mais um pouquinho.

AROLD

E assim fui embora pra sempre da vida de Eunice, que ficou paralisada na porta do
seu apartamento, por sei lá quantos dias, tomando seu sorvete de beterraba *light* e
sem que eu soubesse, chorando baixinho.

EUNICE

Fica só mais um pouquinho.

AROLDO

Juro por tudo que é mais sagrado que, a partir de hoje vou odiar todas as gordas que atravessarem o meu caminho.

(Aroldo sai. Eunice fica tomando seu sorvete e segurando o pote que ele deixou. Doutora Sidney surge de dentro do conjugado, só de camisola.)

SIDNEY

Algum problema, minha gazela?

EUNICE

Problema nenhum, minha rapina. Agora, por favor, joga esse sorvete fora. Que esse não é *light* e engorda que é um horror.

SIDNEY

De jeito nenhum. Esse aqui é puro açúcar e gordura. E você sabe, eu tenho uma queda por tudo que é doce e gorduroso.

CAPÍTULO VIII

CALÇADÃO.

Foco de luz em Aroldo, que atravessa o palco com uma caixa de isopor a tiracolo, vendendo sorvete de beterraba light Eunice.

AROLDO

Olha o sorvete de beterraba *light* Eunice! Cem por cento saúde. Cem por cento sabor. Mata a sede! Mata o calor! Olha o sorvete de beterraba *light* Eunice! Quem vai querer? Dois por cinco! Pra gorda ficar feliz e emagrecer!

(Uma gorda deitada numa canga comendo uma coxinha aborda Aroldo.)

GORDA

Moço! Eu vou querer um.

AROLDO

Opa, é pra já, meu anjo.

GORDA

Tem certeza que não engorda, moço? Eu podia jurar que tinha lido em algum lugar que beterraba é um veneno pra quem quer emagrecer.

AROLDO

Veneno. Até parece. Isso é conversa fiada. E te digo mais, minha filha: beterraba é fonte de vitaminas, proteínas e ferro, ajuda na manutenção dos tecidos cerebrais, regula as funções musculares e nervosas, previne problemas no baço e no fígado, ajuda a desintoxicar o organismo, combate a anemia, estimula a produção de glóbulos vermelhos e fortalece o sistema imunológico.



GORDA

Moço, tô cagando pra tudo isso. Não engordando e matando minha sede tá bom demais.

(Uma magra deitada em outra canga também o aborda.)

MAGRA

Quero um de beterraba *light* também. Tá todo mundo falando desse sabor.

AROLDO

Não tem. Acabou.

MAGRA

Como não tem? Acabei de ouvir você oferecer para ela comprar.

AROLDO

É. Tem sim. Mas não quero te vender. Você é muito magra. E eu não faço negócio com mulher magra demais. Ainda mais, magra e sem bunda. São as piores. Não dá pra confiar. Mulher magra e sem bunda não tem caráter.

MAGRA

Ah, vai se ferrar, seu imbecil!

(A magra sai.)

AROLDO

Então, como eu dizia, pode comprar de olhos fechados. É mais fácil matar que engordar.

GORDA

Deus me livre! Vira essa boca pra lá! (Prova o sorvete) Delícia! É meio azedinho. E bem cremoso, né? Tem algum segredo pra ele ficar tão gostoso assim?

AROLDO

Tem sim. Veneno de rato.

(A gorda cai morta.)

CAPÍTULO IX

TRIBUNAL

AROLDO (OFF)

Mais um ano se passou e eu cumpri minha promessa. Dizem que foram 12, mas perdi a conta das gordas que matei envenenadas, vendendo sorvete de beterraba *light* nos últimos 12 meses no calçadão. Essa manhã recebi minha sentença.

JUÍZA

Artigo 121, parágrafo terceiro do código penal. Considerando o motivo dos crimes e a personalidade do réu, a pena estipulada é de 65 anos de prisão, a ser cumprida em regime fechado.

(Aroldo estende os braços e dois policiais lhe colocam algemas. O grito de Eunice, que assistia ao julgamento, corta o alvoroço da plateia.)

AROLDO (OFF)

Não senti nenhuma pontada de dor ou remorso. Eu já estava morto desde o dia em que não encontrei minha Eunice naquela carcaça emagrecida. E apodreci atrás das grades sem saber porque ela me mandou cair fora naquela noite logo depois que a gente gozou. Embora já não fizesse a menor diferença o motivo da nossa separação, a verdade é que, em algum canto do meu peito, havia um buraco latejando com essa interrogação. A caminho da penitenciária, por ironia ou compaixão, uma policial gorda me ofereceu uma bola de sorvete de beterraba.

POLICIAL GORDA

Aproveita que esse não é *light*. Pode pegar, não vai lhe custar nada.

AROLDO

Enfia essa porra no rabo. Tudo menos sorvete de beterraba.



CAPÍTULO X

QUARTO

EUNICE

Promete que nunca vai me deixar?

AROLDO

Nunca. Nunquinha da Silva.

EUNICE

Que bobagem a minha. Desculpe-me. Mas é que depois que aquela psicanalista maluca me mandou cair fora – eu sei, já faz muito tempo, foi inclusive antes de te conhecer – mas a verdade é que eu, que já não lidava bem com rejeição, fiquei traumatizada demais.

AROLDO

Desse mal você não morre, Eunice. Não te deixo jamais.

(Eles gozam e respiram felizes e ofegantes.)

EUNICE

Ai, que calor. A gente precisa comprar um ar-condicionado. Só esse ventilador não está dando conta. Foi-se o tempo que ter ar-condicionado era artigo de luxo. Hoje em dia, nesse calor do Rio de Janeiro, ar virou necessidade.

AROLDO

Deixa comigo. Do mês que vem não passa. É só eu terminar de pagar as prestações da máquina nova de sorvete que eu compro esse ar.

EUNICE

Por falar em sorvete, me deu uma vontade agora. Você bem que podia ir na cozinha pegar um pouquinho de sorvete de beterraba *light* pra gente, não é?

AROLDO

O que você não pede chorando que eu não faço sorrindo, hein?

EUNICE

Mas só um pouquinho que eu comecei uma dieta hoje.

AROLDO

Dieta nem pensar! Já basta essa mania de tomar sorvete *light*. E olha que você nem precisa disso. Dieta. Vê se pode? Vira essa boca pra lá.

(Aroldo se levanta e vai até a cozinha, quando chega uma mensagem no seu telefone que está em cima do criado-mudo ao lado da cama. Eunice, tomada por uma curiosidade súbita, pega o telefone e lê a mensagem que ouvimos em off com as legendas no projetor.)

CARLÃO (OFF)

A única vantagem é que dá pra sentir prazer duas vezes: uma quando ela tá em cima e a outra quando ela sai de cima de você, não é? Complicado mesmo deve ser pagar a conta da churrascaria. Nessa hora, juro: não queria estar no seu lugar.

(Eunice fica tensa e começa a ler a conversa anterior àquela mensagem.)

AROLDO (OFF)

Até parece que não me conhece, Carlão. Só mudei um pouco de cardápio pra saber como era comer uma gordurinha. Fui gostando das dobrinhas. E lá se vão dois anos que venho deixando me levar.

CARLÃO (OFF)

E ainda tem a cara de pau de dizer que a coisa com a gorda não está séria, Aroldo?
A quem está querendo enganar?

AROLDO (OFF)

Que séria o quê? Comeu cocô? É ruim da gorda me dobrar. Sou Aroldo, Carlão!
Dou nó em pingo d’água. Mas você sabe, eu passei por um período de vacas magras,
ela apareceu, não tinha nada melhor pra fazer. E resolvi comer uma gordurinha por
um tempo depois do jantar.

CARLÃO (OFF)

E bota gordurinha nisso, não é?

AROLDO (OFF)

Você não vale nada! Hein, seu fanfarrão!

CARLÃO (OFF)

Vai, confessa. Te dou minha palavra que não queimo seu filme na praça. Tá com os
quatro pneus arriados pela gorda, não tá?

AROLDO (OFF)

De jeito nenhum. Quem gosta de gordura é pastel.

*(Aroldo volta com uma taça de sorvete. Eunice, abalada, disfarça a sua mágoa, raiva
e decepção. Ele coloca uma colher de sorvete em sua boca, que depois de engolir
o beija com desespero.)*

AROLDO

Tudo isso é por causa do sorvete de beterraba *light*, meu amor?

EUNICE

Tudo isso, Aroldo, é porque eu quero que você me ame agora, como se fosse a
última vez. A última.

(Eles se amam.)

AROLDO

Eu te amo, Eunice. Como nunca amei ninguém em toda a minha vida. Eu te amo
tanto como nunca me amei em toda a minha vida.

(Eunice derrama uma única lágrima.)

(Mudança de luz.)

*(Foco na boca de Eunice, que está deitada com as costas apoiadas na cabeceira da
cama e chupa um sorvete de beterraba light lambuzando-se com prazer. Aroldo,
deitado só de cueca, se espreguiça feliz da vida.)*

EUNICE

Aroldo, cai fora.

FIM

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA

Presidente do Sistema FIRJAN

ALEXANDRE DOS REIS

Diretor Regional do SENAI-RJ e Diretor

Superintendente do SESI-RJ

LUIZ ERNESTO DE ABREU GUERREIRO

Diretor de Qualidade de Vida

ANTENOR JOSÉ DE OLIVEIRA NETO

Gerente de Cultura e Arte

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Idealizadora: Marina Henriques

Orientadores: Carla Faour e Henrique Tavares

Banca julgadora: Carla Faour, Henrique

Tavares, Marcia Zanelatto, Inez Viana e

Colmar Diniz

Curadoria artística e produção das

leituras dramatizadas: Pedro Nercessian

Fotografia: Robson Maestrelli

Realização: SESI Cultural

PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2014

Aline Santos

Anita Chaves

Antonio Paiva Filho

Clóvis Andrade

Guilherme Schettini

Herton Gustavo

Leandro Pires Bellini

Leandro Souza

Lohan Pignone

Luciane Reis

Lucilia da Costa

Maciel Tavares

Miguel Vasconcellos

Nívea Oliveira

Pedro Alvarenga

Pedro Medina

Rafael Cal

Rita Elmor

Sasha Frank

Thales Paradela

AGRADECIMENTO ESPECIAL

O SESI Cultural agradece a todos que

participaram e fizeram do Núcleo de

Dramaturgia um sucesso, em especial

aos palestrantes, atores convidados que

encenaram as leituras dramatizadas e as

instituições SP Escola de Teatro e Sociedade

Brasileira de Autores – SBAT.

FICHA TÉCNICA PUBLICAÇÃO

Projeto gráfico e diagramação:

Flávia da Matta Design

Impressão: Gráfica Stampipa



Sistema
FIRJAN

FIRJAN
CIRJ
SESI
SENAI
TEL
SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.